

áreas da filosofia

lista bibliográfica de apoio à disciplina de filosofia I 5



Teoria do conhecimento

O que é o conhecimento?

Áreas da filosofia

lista bibliográfica de apoio à disciplina de filosofia I 5

O que é o conhecimento?

Teoria do conhecimento



Série: Áreas da Filosofia, n.º 5

Seleção: Emília Laranjeira

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

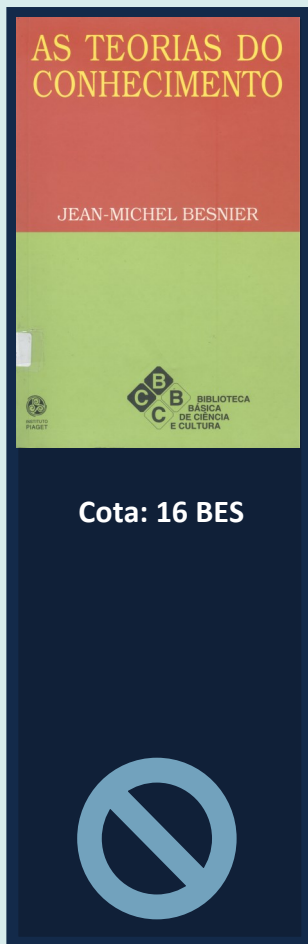
Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede, 2016

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Filosofia, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Filosofia* apresentam dois tipos de recurso:

- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial e requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online* que podem servir de ponto de partida para explorações / estudos mais aprofundados.

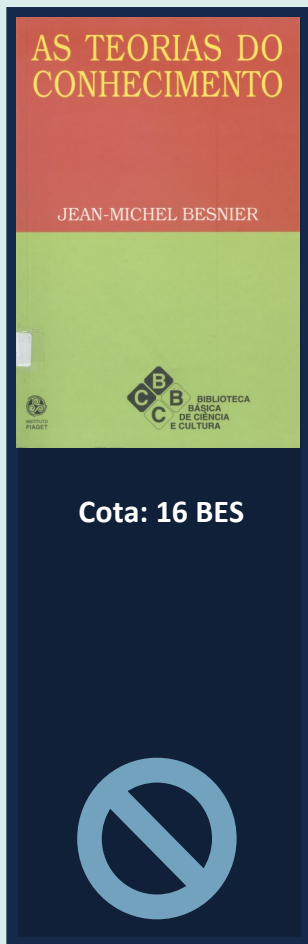
À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas serão atualizadas.



...Analisar o conhecimento consiste, desde logo, em esboçar a anatomia do entendimento humano ou, então, em enveredar por uma meditação introspetiva.

Pedra angular da oposição entre o empirismo e o racionalismo: o estatuto real ou imaginário das ideias inatas, isto é, a natureza destes elementos do entendimento reputados como primeiros e que Descartes descrevia em termos de «verdades eternas», mas que se poderiam igualmente denominar, de forma mais neutra, como «leis do pensamento». Se se admitem, minimiza-se forçosamente o papel da experiência; se se recusam, impõe-se confiar a esta a totalidade dos nossos conhecimentos. (pp. 33-34)

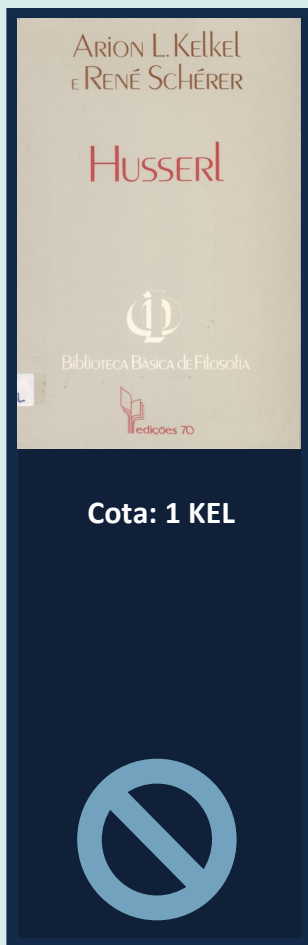
Besnier, Jean-Michel. (2000). *As teorias do conhecimento*. Lisboa: Instituto Piaget.



É com base numa convicção realista, apoiada pelas primeiras grandes conquistas da ciência moderna, que a oposição entre o empirismo e o racionalismo ocupa a cena filosófica do século XVII. A reflexão sobre a capacidade de conhecer mobiliza, então, os espíritos em torno de uma grande questão: a do papel desempenhado pela experiência na constituição do saber. Assim, é o momento da discussão da teoria do «espírito-reservatório» e os campos não tardam a confrontar-se: de um lado, aqueles para quem o conhecimento deriva integralmente da experiência; do outro, aqueles para quem o conhecimento deve solicitar, para se constituir, instrumentos não deduzíveis da experiência.

Os teóricos do conhecimento vão, neste contexto, apregoar atitudes distintas: optar por um método extrovertido, preocupado em clarificar os dados da experiência, uma vez que os nossos sentidos são impressionados por objetos exteriores que geram as ideias do nosso espírito (Locke), ou então assumir um método introvertido, voltado para as certezas do sujeito cognitivo, uma vez que é bem mais fácil conhecer o espírito do que o corpo (Descartes)... (p. 33)

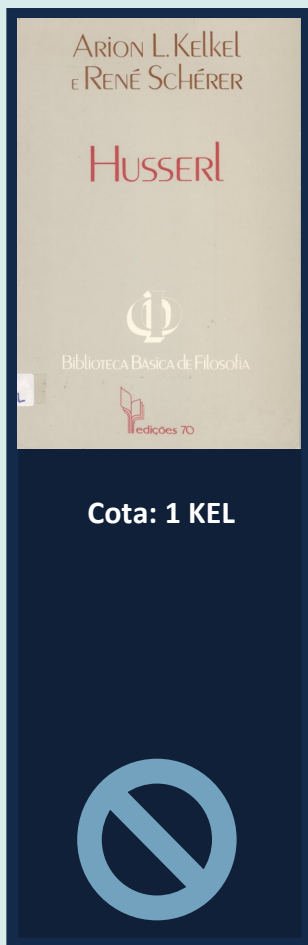
Besnier, Jean-Michel. (2000). *As teorias do conhecimento*. Lisboa: Instituto Piaget.



A análise fenomenológica reabilita a «consciência da generalidade» negada pelos empiristas. Explicita, do lado dos atos de consciência, a abstração idealizadora. A significação, una, relativamente à diversidade das imagens e dos enunciados, e ideal, não se confunde com o simples «momento» qualitativo do objeto, mas encontra, na «espécie», um novo conteúdo objetivo.

Quando a expressão se liga a um dos momentos do objeto, por exemplo a cor vermelha, o que ela exprime não é aquela parte qualitativa separada, de algum modo, pela atenção, mas o vermelho in specie. Quando formamos o conceito de vermelho, ou o seu derivado nominal «vermelhidão», pomos em evidência a «objetividade ideal» que unifica as qualidades vermelhas e permite afirmar as suas semelhanças ou diferenças. A espécie, assim separada, é uma essência... (pp. 30-31)

Kelkel, A. L. & Schérer, R. .(1982). *Husserl*. Lisboa: Edições 70.



... Um eidos platónico? A este respeito, Husserl explicou-se, por várias vezes, sem equívoco: é absurdo chamar realismo platónico a uma conceção que, precisamente, rejeita, por princípio, qualquer hipóstase, real ou mental, do geral. A ideia geral não está, realmente, nem fora nem dentro da consciência. A objetividade do geral é provada pelo facto de o podermos visar, fazer um enunciado sobre ele. Segundo Husserl, o nominalismo tem razão quando nega a existência de uma «representação geral» no pensamento, mas não a tem quando não quer admitir estes polos de identidade que fundam a possibilidade dos enunciados e das semelhanças. E somente neste sentido, fora de qualquer realismo, a fenomenologia é uma descrição das essências. (p. 31)

Kelkel, A. L. & Schérer, R. .(1982). *Husserl*. Lisboa: Edições 70.

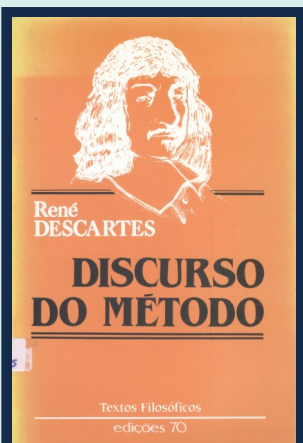


Russell defende que o conhecimento por contacto é o fundamento de todo o conhecimento. Mas não é um filósofo empirista, nem racionalista, neste sentido: os filósofos empiristas, como Hume ou Locke, tendem a considerar que o único conhecimento primitivo genuíno ou substancial é o conhecimento empírico; ao passo que os filósofos racionalistas, como Descartes, tendem a considerar que o único conhecimento primitivo é o conhecimento racional ou a priori. Contrastando com ambos, Russell defende que o conhecimento tem duas fontes últimas: a razão e os sentidos, nenhum dos quais é mais fundamental do que o outro. Esta posição parece bastante mais plausível do que as alternativas. Neste aspeto, Russell aproxima-se mais de Kant – mas não aceita o tipo de idealismo transcendental que transforma o tempo e o espaço em formas puras da sensibilidade, meras projeções dos agentes cognitivos... (pp. 51-52)

Heil, John.(2001). *Filosofia da mente*. Lisboa: Instituto Piaget.



...Numa perspetiva deste género, o «idealismo», o mundo consiste exclusivamente em mentes e seus conteúdos. (Numa variante do idealismo, o «solipsismo», o mundo é apenas uma única mente – e os respetivos conteúdos.) Não há objetos ou eventos materiais não mentais, por conseguinte, não há importunas interações causais entre mentes e objetos materiais independentes da mente, nem qualquer paralelismo misterioso entre domínios independentes mental e material. Explicamos a regularidade e a ordem que encontramos nas nossas experiências não por referência a um mundo material regular e ordenado, mas por referência à natureza intrínseca das mentes (figura 2.7) ou pressupondo que a ordem é assegurada por um Deus benevolente que assegura que as nossas ideias ocorram em padrões ordenados, por conseguinte, previsíveis. (p. 52)

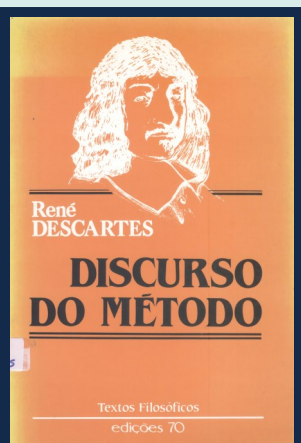


Cota: 16 DES



Desde há muito notara eu que, no tocante aos costumes, é necessário às vezes seguir como se fossem indubitáveis opiniões que sabemos serem muito incertas, como já atrás foi dito. Mas, porque agora desejava dedicar-me à procura da verdade, pensei que era forçoso que eu fizesse exatamente o contrário e rejeitasse, como absolutamente falso, tudo aquilo em que pudesse imaginar a menor dúvida, a fim de ver se, depois disso, não ficaria alguma coisa na minha crença, que fosse inteiramente indubitável. Assim, porque os nossos sentidos nos enganam algumas vezes, quis supor que não existe coisa alguma que seja tal como eles a fazem imaginar. E porque há homens que se enganam ao raciocinar, mesmo a propósito dos mais simples temas de geometria, e neles cometem paralogismos, ao considerar que eu estava sujeito a enganar-me, como qualquer outro, rejeitei como falsas todas as razões de que anteriormente me servira nas demonstrações... (pp. 73-74)

Descartes, René. (1993). *Discurso do método*. Lisboa: Edições 70.



Cota: 16 DES



...Finalmente, considerando que todos os pensamentos que temos no estado de vigília nos podem também ocorrer quando dormimos, sem que, neste caso, algum seja verdadeiro, resolvi supor que todas as coisas que até então tinham entrado no meu espírito não eram mais verdadeiras do que as ilusões dos meus sonhos. Mas, logo a seguir, notei que, enquanto assim queria pensar que tudo era falso, era de todo necessário que eu, que o pensava, fosse alguma coisa. E notando que esta verdade:

penso; logo, existo, era tão firme e tão certa que todas as extravagantes suposições dos cétricos não eram capazes de a abalar, julguei que a podia aceitar, sem escrúpulo, para primeiro princípio da filosofia que procurava. (p. 74)

Descartes, René. (1993). *Discurso do método*. Lisboa: Edições 70.

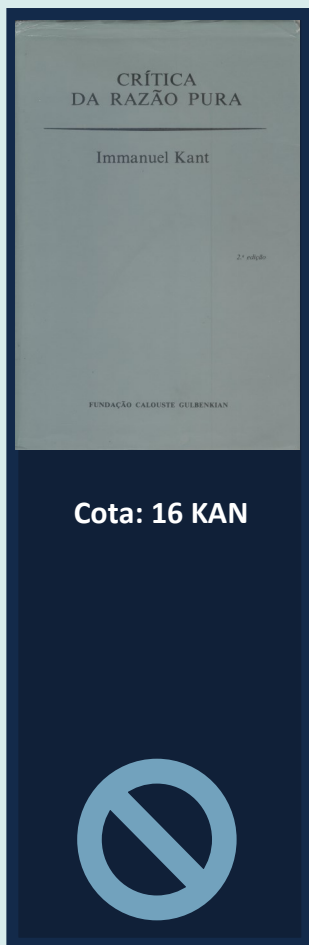


Cota: 16 HUM

Quando refletimos sobre as nossas experiências e afetos passados, o nosso pensamento age como um espelho fiel e copia corretamente os objetos, mas as cores que emprega são pálidas e sem brilho em comparação com aquelas de que estavam revestidas as nossas perceções originais. Não se exige qualquer fino discernimento ou grande capacidade metafísica para assinalar a diferença entre elas.

Podemos aqui, portanto, dividir todas as perceções da mente em duas classes ou espécies, que se distinguem pelos seus diferentes graus de força e vivacidade. As que são menos fortes e vívidas são geralmente chamadas pensamentos ou ideias. A outra espécie carece de nome na nossa língua, bem como na maioria das outras, e suponho que isto acontece porque nunca foi necessário para qualquer finalidade, com exceção das de carácter filosófico, designá-las por qualquer termo ou denominação geral. Permitamo-nos portanto uma certa liberdade e chamemos-lhes impressões, empregando esta palavra num sentido um pouco diferente do habitual.. (p. 34).

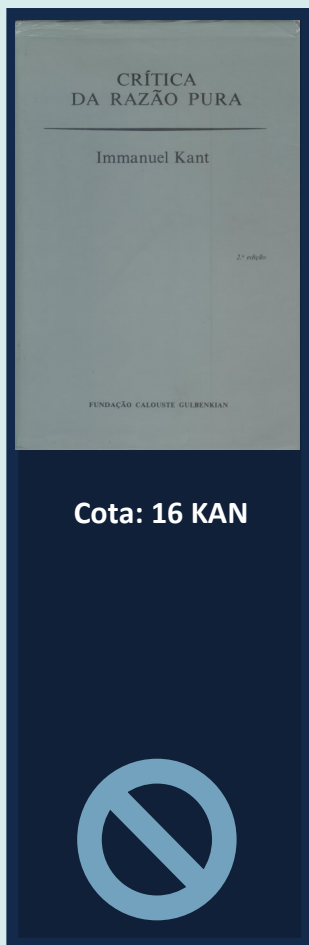
Hume, David. (2002). *Tratados filosóficos: investigação sobre o entendimento humano*. Lisboa: I. N. C. M.



Não resta dúvida de que todo o nosso conhecimento começa pela experiência; efetivamente, que outra coisa poderia despertar e pôr em ação a nossa capacidade de conhecer senão os objetos que afetam os sentidos e que, por um lado, originam por si mesmos as representações e, por outro lado, põem em movimento a nossa faculdade intelectual e levam-na a compará-las, liga-las ou separá-las, transformando assim a matéria bruta das impressões sensíveis num conhecimento que se denomina experiência? Assim, na ordem do tempo, nenhum conhecimento precede em nós a experiência e é com esta que todo o conhecimento tem o seu início.

Se, porém, todo o conhecimento se inicia com a experiência, isso não prova que todo ele derive da experiência... (p. 36)

Kant, Immanuel.(1989). *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.



...Pois bem poderia o nosso próprio conhecimento por experiência ser um composto do que recebemos através das impressões sensíveis e daquilo que a nossa própria capacidade de conhecer (apenas posta em ação por impressões sensíveis) produz por si mesma, acréscimo esse que não distinguimos dessa matéria-prima, enquanto a nossa atenção não despertar por um longo exercício que nos torne aptos a separá-los.

Há pois, pelo menos, uma questão que carece de um estudo mais atento e que não se resolve à primeira vista; vem a ser esta: se haverá um conhecimento assim, independente da experiência e de todas as impressões dos sentidos. Denomina-se a priori esse conhecimento e distingue-se do empírico, cuja origem é a posteriori, ou seja, na experiência. (pp. 36-37)

Kant, Immanuel.(1989). *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Bertrand
Russell
Os Problemas
da Filosofia

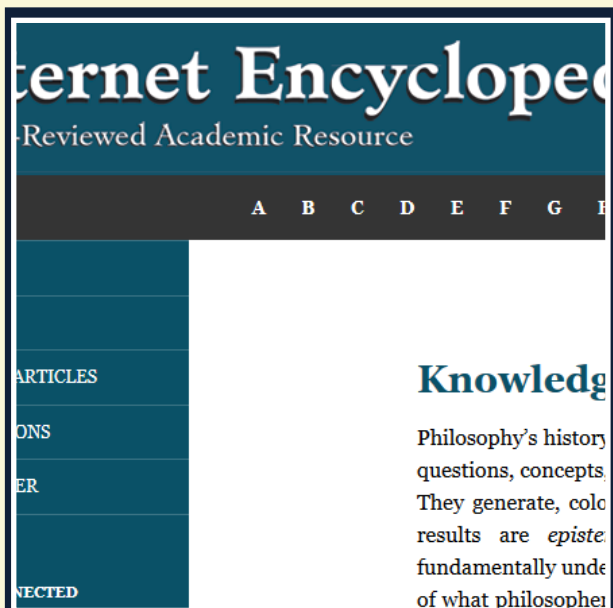
70 BIBLIOTECA DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Cota: 16 RUS

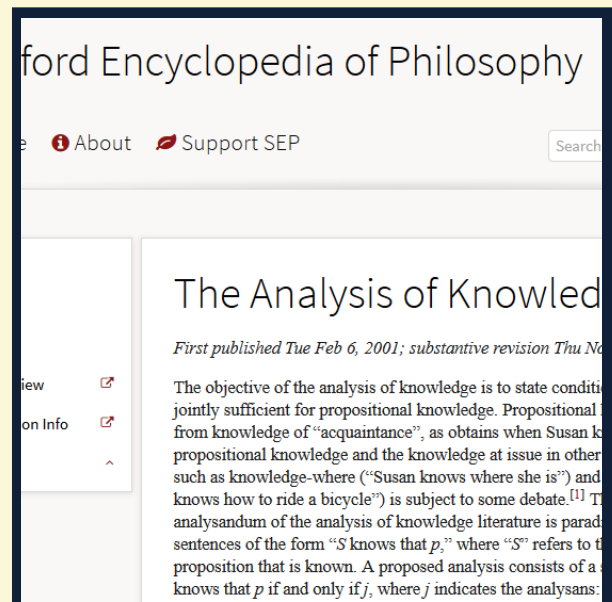


Russell defende que o conhecimento por contacto é o fundamento de todo o conhecimento. Mas não é um filósofo empirista, nem racionalista, neste sentido: os filósofos empiristas, como Hume ou Locke, tendem a considerar que o único conhecimento primitivo genuíno ou substancial é o conhecimento empírico; ao passo que os filósofos racionalistas, como Descartes, tendem a considerar que o único conhecimento primitivo é o conhecimento racional ou a priori. Contrastando com ambos, Russell defende que o conhecimento tem duas fontes últimas: a razão e os sentidos, nenhum dos quais é mais fundamental do que o outro. Esta posição parece bastante mais plausível do que as alternativas. Neste aspeto, Russell aproxima-se mais de Kant – mas não aceita o tipo de idealismo transcendental que transforma o tempo e o espaço em formas puras da sensibilidade, meras projeções dos agentes cognitivos. (p. XXXIII)

Russell, Bertrand .(2008). *Os problemas da filosofia*. Lisboa: Edições 70.



Knowledge
Internet Encyclopedia of Philosophy
[clique na imagem para aceder ao recurso]



The analysis of knowledge
The Stanford Encyclopedia of Philosophy
[clique na imagem para aceder ao recurso]



Routledge Encyclopedia of Philosophy

About REP Browse What's new Find out more

Search in Routledge Encyclopedia of Philosophy

Epistemology

Peter D. Klein
DOI: 10.4324/9780415249126-P059-2
Publication date: 2005

Subjects Epistemology

Epistemology is one of the core areas

Epistemology
Routledge Encyclopedia of Philosophy
[clique na imagem para aceder ao recurso]



philosophynews

← Midwest Epistemology Workshop Religious St

What is Knowledge?

22. setembro 2011 Paul Pardi Article (0)

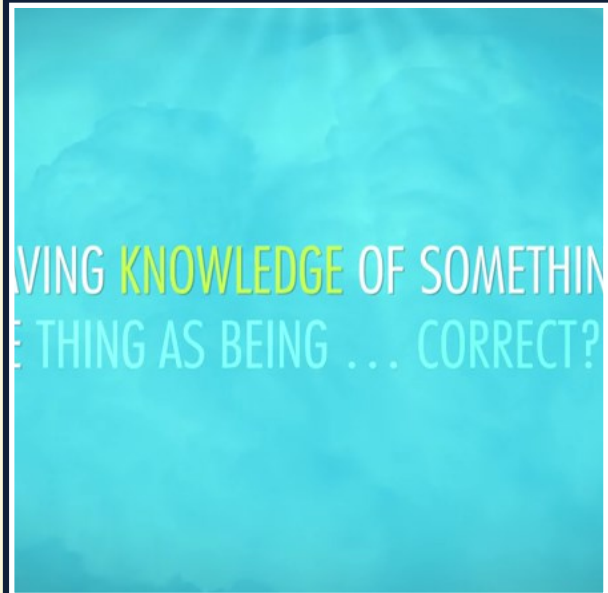
Tweet G+ 55 Gosto 22

The Knowledge Problem

Studying knowledge is something philosophers have been doing for a long time. It has been around. It's one of those perennial topics—like the nature of reality or the sciences—that philosophy has been refining since before the time of Plato. The word is known as *epistemology* which comes from two Greek words *epistēmē* which means knowledge and *logos* (logoV) which means a word or reason. Epistemology literally means the study of knowledge. Epistemologists study what makes up knowledge, what kinds of things can we know, what

The knowledge problem
Philosophynews
[clique na imagem para aceder ao recurso]





The meaning of knowledge [vídeo]

Crash Course Philosophy #7

[clique na imagem para aceder ao recurso]



KNOWLEDGE

The theory of knowledge [vídeo]

Philosophy

[clique na imagem para aceder ao recurso]



VALUE OF KNOWLEDGE

by

GARY FANTL

of

THE UNIVERSITY
OF TORONTO



The value of knowledge [vídeo]
Philosophy
[clique na imagem para aceder ao recurso]



THE PROBLEM
OF SKEPTICISM

by

JENNIFER NAGEL

of

THE UNIVERSITY
OF TORONTO

The problema of skepticism [vídeo]
Philosophy
[clique na imagem para aceder ao recurso]





AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
LIMA - DE - FARIA
CANTANHEDA

Cantanhede, 2016